

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI

# III SINESPP

20 a 24  
OUTUBRO  
2020

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS  
Democracia, desigualdades sociais e políticas públicas no capitalismo contemporâneo

## EIXO TEMÁTICO 4 | SEGURIDADE SOCIAL: ASSISTÊNCIA SOCIAL, SAÚDE E PREVIDÊNCIA

### ENVELHECIMENTO E SERVIÇO SOCIAL: análise bibliográfica em torno do envelhecimento

AGING AND SOCIAL SERVICE: bibliographical analysis around aging

Sthefany Francisca de Alencar Tito<sup>1</sup>  
Tamires Letícia Cardoso da Silva<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este artigo busca discutir a temática do envelhecimento a partir das referências da gerontologia crítica. Propõe-se ainda, apontar as conclusões de estudos que fizeram uma revisão da literatura do Serviço Social sobre a temática do envelhecimento e apontar a emergência de um novo campo, no interior da gerontologia, denominado de crítico e as contribuições advindas do Serviço Social. Conclui-se que essas contribuições desvendam os determinantes macrossociais do envelhecimento em interação e intercessão com os determinantes biológicos e psicológico, com uma interpretação mais ampla, rica, ontológica e crítica.

**Palavras-chaves:** Serviço Social. Envelhecimento. Gerontologia.

#### ABSTRACT

This article seeks to discuss the theme of aging from the references of critical gerontology. It is also proposed to point out the conclusions of studies that did a review of the Social Service literature on the theme of aging and point out the emergence of a new field, within gerontology, called critical and the contributions coming from Social Service. It is concluded that these contributions unveil the macrosocial determinants of aging in interaction and intercession with biological and psychological determinants, with a broader, rich, ontological and critical interpretation.

**Keywords:** Social Word. Aging. Gerontology

<sup>1</sup> Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, bolsista PIBIC/CNPQ pelo projeto de pesquisa Envelhecimento e proteção social da assistência social: análise dos serviços socioassistenciais para as pessoas idosas em Teresina-PI. E-mail: sthefanny.alencar@outlook.com

<sup>2</sup> Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, voluntária no projeto de pesquisa Envelhecimento e proteção social da assistência social: análise dos serviços socioassistenciais para as pessoas idosas em Teresina-PI. E-mail: cardoso.tamires.leticia@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A dinâmica do processo de envelhecimento tem sido nos últimos anos, motivo de preocupação para muitos estudiosos que percebem o envelhecimento como algo a ser analisado de forma crítica e minuciosa. O envelhecimento é um processo natural e social da vida humana, por isso, deve ser levado em consideração que existem diversas formas de envelhecer.

Há um leque de áreas de estudos e pesquisas que analisam o processo de envelhecimento – principalmente áreas que são voltadas para a saúde e o bem-estar humano – e chegam a definir o processo de envelhecimento como homogêneo, geralmente como um declínio, muitas vezes doloroso, dado a ocorrência de uma diversidade de perdas que os envelhecidos acumulam durante a vida (biológica, psicológicas e sociais). São essas mesmas áreas que buscam “melhorar” o envelhecimento, ou deter seus efeitos mais nefastos, no entanto, o que essas pesquisas, em muitos casos, não ponderam é que o envelhecimento ocorre de maneiras diversas entre os indivíduos e que eles geralmente não dominam e controlam suas condições de existência.

Para tanto, consideramos necessário discutir as diferenças e as desigualdades que afetam a vida das pessoas durante toda sua trajetória de vida, em especial, na fase da velhice. As diferenças estão relacionadas a determinantes estruturais como classe social, de gênero, de cor, de etnia e/ou regionais, dentre tantas outras. Assim, exploração e opressão são geradas ou agudizadas por desigualdades sociais engendradas pela sociedade burguesa. É baseado nessas diversas desigualdades, que o Serviço Social junto a Gerontologia crítica, chegaram à conclusão de que o processo de envelhecimento, é diversificado e heterogêneo, e logo, não deve ser tratado e analisado de forma homogênea em todos os casos.

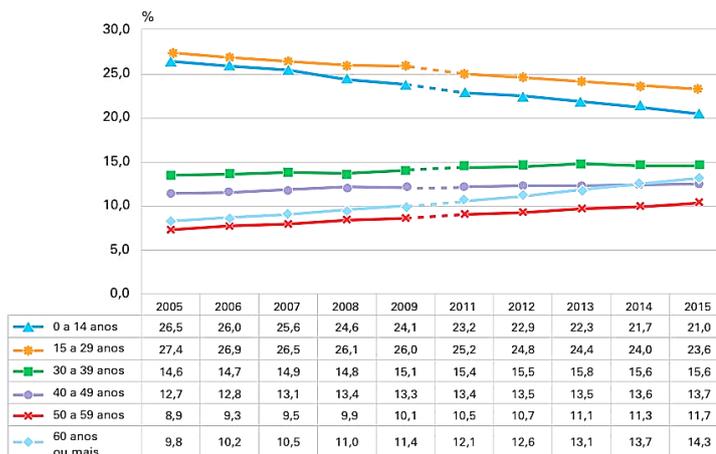
O objetivo deste artigo é fazer uma análise da categoria envelhecimento com base na gerontologia crítica e nas contribuições do Serviço Social. Além de apontar as análises feitas da produção científica do Serviço Social sobre envelhecimento e as tentativas de superar o conservadorismo dessas. Trata-se de um artigo decorrente de pesquisa bibliográfica, de escolha intencional das referências, tais como Teixeira (2017; 2018), Alves (2014), Bernardo (2019), dentre outros.

## 2 A DIVERSIDADE E A HETEROGENEIDADE DO ENVELHECIMENTO

O envelhecimento demográfico é um fenômeno que nos últimos anos têm chamado a atenção em nível mundial e ganhando ênfase em diversos países. Estudos demográficos preveem que até o ano de 2050, o envelhecimento populacional tende a se quantificar drasticamente, quando, cerca de 1/3 da população tende a fazer parte deste grupo. O Brasil, olhando por essa perspectiva estará na sexta posição entre os países com maior população idosa do mundo.

Conforme o IBGE, em 2015 a quantidade de idosos no Brasil de 60 anos ou mais, chegava a 14,3% crescendo então cerca de 4,5% no período em questão, enquanto a quantidade de jovens diminuiu cerca de 3,8% no mesmo período, conforme pode-se observar no gráfico abaixo.

Gráfico 1: Distribuição da população por grupos de idade Brasil – 2005/2015



FONTE: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2015.

Podemos observar, portanto, que o aglomerado de pessoas consideradas idosas vem crescendo em demasia e rapidamente, o que aponta ainda mais para uma preocupação com políticas públicas para atender esta população e suas necessidades e para o campo científico em estabelecer estudos mais aprofundado acerca do tema, visto que, nos próximos anos possivelmente estas investigações poderão proporcionar maiores e melhores alternativas para políticas públicas para esta parcela populacional.

Todavia, é preciso considerar que as estatísticas do envelhecimento demográfico camuflam as acentuadas diferenças e desigualdades no modo de envelhecer,

apresentando dados agregados e generalizantes do que denominam população idosa. Entretanto, um setor da gerontologia denominada de crítica, no qual sociólogos, antropólogos, assistentes sociais e outros, fazem parte, utilizando referenciais críticos, como o marxismo, apontam que nesta população idosas, há na verdade diversos grupos populacionais com essa idade. E que as diferenças são tantas internas, como definida por fatores externos e estruturais.

Baseado na temática do envelhecimento, principalmente do envelhecimento da classe trabalhadora, pode-se destacar e afirmar que o processo de envelhecimento é heterogêneo. Que as classes sociais envelhecem de formas diferentes e essa condição é definida pela inserção nas estruturas produtivas. Os que tem os meios de produção e os que tem apenas sua força de trabalho. O modo de ser das classes, encontra outras formas e diferenças como a de gênero, raça/etnia, geracional. Essas diferenças são vividas como desigualdades sociais e se cruzam acentuando as vulnerabilidades, fragilidades e precariedades das formas de existência. Nas palavras de Bernardo (2019, p. 132): “As distintas inserções no mundo do trabalho, na vida econômica, social e cultural, os diferentes itinerários objetivos e subjetivos de vida, conferem diversidade e complexidade para esse grupo populacional”.

Tratar o envelhecimento e a velhice como um processo heterogêneo é levar em conta a história dos indivíduos, o modo como a força de trabalho foi e é utilizado pelas classes dominantes e suas variações se são homens ou mulheres, negros ou brancos, migrantes, indígenas, quilombolas ou não, velhos e velhas ou jovens. As propagadas ideias e imagens da velhice como terceira idade, ativa, participativa, de lazer e hedonismo são também generalizantes e escondem outras formas de envelhecer doentia, abandonada, pobre, dependente, dentre outras.

Nas palavras Suelen Alves (2014, p. 35): “o processo de envelhecimento da classe trabalhadora, alienada pelo trabalho, torna-se peculiar no sentido de não representar o tempo da liberdade, do descanso e do lazer tal qual difunde o mercado e a cultura capitalista”. Essa mesma autora, ainda retratando a realidade do velho da classe trabalhadora, parafraseia com Simone de Beauvoir, e cita:

Simone de Beauvoir [...] ocupou-se de caracterizar a velhice expressando duas espécies de realidade totalmente diferentes: a velhice da classe exploradora em oposição à velhice das classes exploradas (BEAUVUIR, 1990,

p.261). A autora afirma que, dependendo da classe à qual pertence, um homem pode ser velho aos 50 anos ou apenas aos 80 [...] (ALVES, 2014, p.36)

Discutiremos em primeiro momento a questão da heterogeneidade da velhice considerando a classe social a qual esse idoso(a) está inserido(a), pois as classes sociais são capazes de diferenciar o envelhecimento, uma vez que a posição social a qual o idoso pertence é elemento relevante e imprescindível nesta discussão. Logo, “os idosos da classe trabalhadora vivem em situação de dupla vulnerabilidade, enquanto pobre e enquanto idosos” (TEIXEIRA, 2017, p. 42). Dito isso, afirma-se que o envelhecer da classe explorada da sociedade capitalista é bem mais desvantajoso do que o envelhecimento da outra classe, principalmente se observado o critério da vulnerabilidade social e da desproteção social, o que acarreta para esse idoso o sentimento de fardo para a família, de ser um indivíduo que não pode mais contribuir para sanar as necessidades da família, especialmente, quando este é doente, dependente de cuidados dos familiares.

Observemos um exemplo: existem dois idosos do sexo masculino, ambos com 70 anos de idade, um deles vem de família rica, é branco, desfrutou da melhor forma sua infância e sua juventude, gozou de boa educação escolar e acadêmica, sempre trabalhou nas empresas da família e nunca se expôs a um trabalho degradante durante sua vida e teve uma boa alimentação e cuidados com a saúde; agora, vamos para a realidade do outro idoso, negro, que trabalha desde os 10 anos de idade na lavoura para poder ajudar na renda familiar, exposto a um sol escaldante, viveu nessa realidade até os 19 anos de idade quando resolveu mudar para a capital do estado, também em busca de uma melhor qualidade de vida, e quando lá chegou trabalhou em diversas profissões como vendedor ambulante, ajudante de pedreiro, dentre outras, que lhe exigiam grande força física e exposição excessiva ao sol ou a chuva, com recursos escasso para a alimentação e dificuldade de acesso a saúde pública. Poderemos afirmar que eles terão os mesmos problemas na velhice? Que envelheceram de forma igual? Que o que definirá sua velhice são os fatos biológicos, genéticos e psicológicos? Quem poderá fazer de sua velhice uma terceira idade?

Com certeza, o primeiro idoso possivelmente desfrutará de sua velhice com a família em viagens e lazeres. Poderá haver gastos com medicamentos ou com consultas médicas, porém, ele possuirá condições financeiras suficientes para poder arcar com

todos os custos que o avançar da idade o traga, além de “estar livre” do preconceito racial. Já o outro idoso, provavelmente continuará a ser o provedor principal de renda da sua família com sua aposentadoria ou benefício assistencial, sendo esta insuficiente para suprir as suas necessidades básicas, além dos gastos com a saúde e medicamentos para as diversas doenças que o mesmo adquiriu ao longo de sua grande jornada de trabalho no decorrer de sua vida. Pois bem, o que queremos ressaltar nessa pequena ilustração é o seguinte ponto: a velhice é diferente drasticamente se observado o fator classe social, gênero, raça/etnia.

Outras diferenças poderiam ser observadas se ao invés de um homem, fosse uma mulher aos 70 anos de idade, se ela fosse negra, indígena, migrante, dentre outras. Sendo uma da classe dominante e outra da classe trabalhadora. Vivemos em uma sociedade em que a desigualdade de gênero é assustadora, e ela não se manifesta somente na fase jovem/adulta, apresenta-se também na fase da velhice, especialmente as da classe trabalhadora. Outro agravante é que grande parte dessas idosas acumulam desvantagens na velhice pelo fato de que, durante toda a sua vida as mesmas exerceram uma tripla jornada de trabalho, pois além de trabalhadoras, foram mães e donas de casa, e esse excesso de trabalho durante a sua vida acumula-se e ecoa bem mais fortemente na fase da velhice.

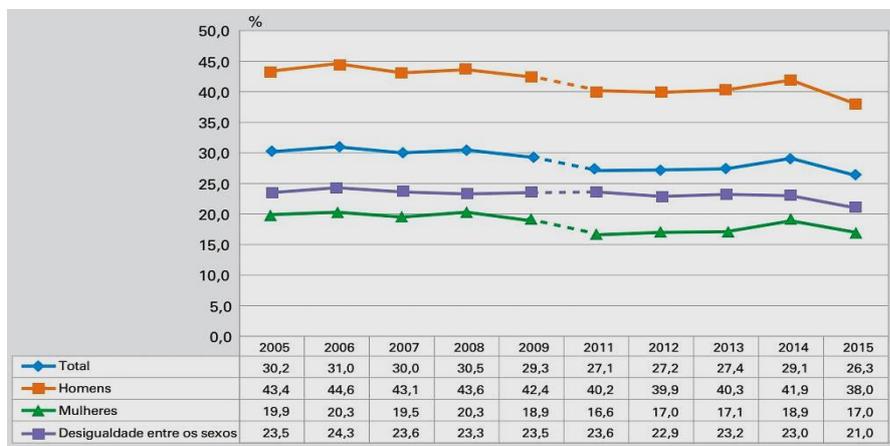
Ainda em relação a classe social que o velho estar inserido, deve ser levado em conta os anos de trabalho que cada idoso tem durante sua vida, as condições do trabalho, as insalubridades deste trabalho, ou a ausência deste trabalho formal e a submissão às formas informais e precárias ao longo da vida. Segundo Bernardo, “[...] as histórias sobre vivência trabalhistas ampliavam as reflexões acerca do processo de adoecimento [...]”; logo deve-se levar em conta quais foram esses trabalhos, pois baseado em diversos dados, fica evidente que muitos dos idosos começaram a trabalhar bem cedo, já que lhe haviam poucas escolhas, cujo destino traduziu-se em escassas opções e a busca de subsistência através do trabalho (BERNARDO, 2019). Por conseguinte, a velhice desse idoso da classe proletária será “uma velhice empobrecida, adoecida e desprotegida socialmente” (ALVES, p. 35, 2014).

Outro ponto a ser analisado são os idosos que permanecem no mercado de trabalho após os 60 anos para garantir recursos para as suas necessidades e de seus familiares, considerando os baixos valores das aposentadorias, pensões e benefícios

assistências e as necessidades ampliadas de filhos/as, netos/as desempregados/as.

Conforme gráfico abaixo:

Gráfico 2: Nível de ocupação dos idosos por sexo e desigualdade entre os sexos Brasil - 2005/2015



FONTE: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2015.

Observa-se que o número de idosos homens que ainda permanecem no mercado de trabalho é bem superior (45%) que o número de mulheres idosas (20%), característica da sociedade desigual na qual vivemos, onde esses números são distintos desde a juventude. Um fator relevante que se pode chegar através do gráfico exposto é que o mercado de trabalho procura priorizar a mão de obra masculina para exercer certas profissões, retrato da desigualdade de gênero que o país reproduz. Podem-se apontar como fatores que justifiquem os números do quadro acima: as constantes reformas previdenciárias que excluíram grande parte dos idosos de acessar a alguns benefícios sociais, ou rebaixaram os valores das aposentadorias que os mesmos dispunham, pelo aumento das alíquotas de contribuição mesmo depois de aposentados, ou até mesmo a falta ou precariedade da assistência do Estado a essa população.

A conclusão que se pode chegar é que muitos idosos homens, mesmo após a aposentadoria continuam inseridos no mercado de trabalho como provedores de renda e as idosas são as que vivem em função do lar, são as cuidadoras dos seus netos e em alguns casos, são idosas que cuidam de outros idosos (seus pais, mães, sogros, sogras, tios, tias, etc.).

No entanto, observa-se que no ano de 2014, o número de idosos ocupados, de ambos os sexos, caiu de 30% para cerca de 25%, esse fato pode ser explicado pela maior qualificação da mão-de-obra que o mercado de trabalho atual exige, ou até mesmo pelo

fato da discriminação da força de trabalho do velho, visto que em muitos casos os mesmos são vistos como indivíduos incapacitados para o exercício profissional, além do crescimento do desemprego.

Alves (2014) afirma e concorda que os termos “terceira idade” e “melhor idade” (utilizados entre aspas por não serem palavras que se aplicam aos idosos de uma maneira em geral, visto que, como já foi debatido no decorrer da discursão, o desfrute da velhice saudável e ativa é, em boa parte, realmente aproveitado pela parcela mais abastada da população) referem-se apenas à velhice de determinada classe privilegiada, e são discursos que homogeneízam as experiências de envelhecimento, pois é para os velhos da classe trabalhadora que as desigualdades e a vida empobrecida e adoecida tornam-se mais claras (ALVES, 2014).

Muitos idosos quando deveriam usufruir da aposentadoria deparam-se com a dura realidade: a de que a própria aposentadoria, conquistada com muito suor e através de longos anos de exploração da sua mão-de-obra, já não é mais suficiente para garantir a própria subsistência. Os altos custos da velhice pesam sobre os mais vulneráveis e muitos se veem obrigados a retornar ao mercado de trabalho para garantir condições mínimas de sobrevivência, mesmo que isso signifique um trabalho precarizado, informal e por isso mesmo, inseguro e sem proteção social.

Essa reinserção do idoso no mercado de trabalho mesmo após a aposentadoria ocorre por motivos diversos e, geralmente, de maneira mais precarizada do que o trabalho que o mesmo realizava antes da sua aposentadoria. Entre esses trabalhos o maior número é o trabalho por conta própria, os trabalhos informais (como “bicos”). Esses “novos trabalhos” são vistos pela população idosa da classe trabalhadora como uma renda a mais. Ou seja, o velho da classe trabalhadora chega a chamada “terceira idade” enfraquecido pela sua vida sofrida de trabalho, debilitado pelas doenças que o mesmo adquiriu no decorrer da sua vida inserido em um mercado de trabalho informal e abusivo. Isso posto:

A probabilidade de o idoso ser saudável é bem maior entre aqueles grupos socioeconômicos mais privilegiados, considerando-se a disponibilidade de recursos para investir em saúde, bem como o nível cultural de informações adquiridos pelos que têm maiores níveis de escolaridade. (TEIXEIRA, 2017, p. 45)

Outra temática debatida na heterogeneidade do processo de envelhecimento é a questão da desigualdade racial, visto que os negros na sociedade brasileira, especialmente os da classe trabalhadora pobre, são discriminados durante toda a sua história de vida, e na velhice essa discriminação não é diferente. Grande parte das pesquisas apontam que os velhos negros são os que mais estão inseridos no mercado de trabalho informal, mesmo após a aposentadoria. São os que recebem pelo menos um salário mínimo de aposento e são os que mais sofrem com a discriminação. Isso porque, desde a sua infância, boa parte da população negra vê-se obrigada a se inserir no mercado de trabalho para poder garantir o seu sustento e o da sua família, consequência disso é que esse indivíduo não terá, uma vida escolar ou a tendo esta será precária. Posteriormente, este mesmo indivíduo não conseguira inserir-se no mercado de trabalho formal, por não possuir uma escolaridade básica, e o mesmo vê-se na obrigação para sobreviver a se submeter ao mercado de trabalho informal. A conclusão que se chega é que esse indivíduo sofrerá uma tripla desigualdade: por ser negro, pobre e velho.

Apesar de ressaltar as heterogeneidades deve-se deixar claro que a gerontologia crítica não comunga com visões singularizantes, subjetivistas e individualistas dessas diferenças. Os diferenciadores estruturais, permitem vivências comuns nas condições de vida e trabalho, gerando certas similitudes também na forma como se vive a velhice.

### **3 O SERVIÇO SOCIAL E AS TENDÊNCIAS NA ABORDAGEM DO ENVELHECIMENTO**

Na perspectiva da gerontologia crítica, campo científico que o Serviço Social vem ajudando a construir, um dos traços marcantes é análise na perspectiva da totalidade social. Compreendendo o envelhecimento como uma totalidade parcial a ser relacionado e desvendado mediante relações com essa totalidade social, como as condições de produção e reprodução social. Nessas discussões são fundamentais compreender e delimitar o envelhecimento de certos grupos de classes como manifestação da questão social.

O envelhecimento da população, a maior longevidade e sobrevida das pessoas idosas colocam novos desafios a sociedade. Entretanto, apenas o envelhecimento da

classe trabalhadora e suas frações mais empobrecida constituem novas formas de expressão da questão social. O envelhecimento da classe trabalhadora é pontualmente uma expressão da questão social, porque os problemas enfrentados nesta idade atingem coletivos inteiros e são decorrentes das estruturas sociais geradoras de desigualdades sociais. Essas desigualdades estão presentes e precarizam as condições de existência dessas pessoas em todo o transcurso de sua história de vida, e se reproduzem e ampliam na velhice quando se deparam com a falta (ou falho) acesso às políticas públicas de saúde, moradia, educação, assistência social agravando estados de vulnerabilidade decorrentes de doenças de diversas naturezas, que se somam a falta de respeito, preconceitos, estigmas, violências das mais diversas, baixas rendas (ou até mesmo nenhuma renda).

Segundo Teixeira (2017),

[...] o envelhecimento do trabalhador é uma expressão da questão social, o que significa atribuir centralidade ao seu modo de envelhecer e as condições objetivas e subjetivas em que se dão, na constituição da problemática social do envelhecimento humano na sociedade capitalista. (TEIXEIRA, 2017, p. 34)

No Serviço Social, o processo de envelhecimento, principalmente da classe trabalhadora, sempre foi um objeto de intervenção profissional, e segundo Alves (2014) é através da intervenção profissional, da produção de conhecimento e da participação política, que os profissionais do serviço social vêm se apropriando das questões que dizem respeito à condição de velhice dos sujeitos trabalhadores. Os assistentes sociais têm-se tornado cada vez mais presentes nos espaços públicos e privados e nas discussões sobre o envelhecimento da população brasileira.

Alves (2014) reconhece o Serviço Social como um campo privilegiado de análise sobre o processo de envelhecimento, especialmente da classe trabalhadora, pois ele lida com essa expressão da questão social desde a sua gênese. Mesmo antes ligado à Igreja Católica, à filantropia, e hoje como uma profissão ligada ao setor público, e por vezes ao setor privado, que reconhece a assistência à essa parcela da população como uma questão de direito e não mais de caridade, que requer políticas públicas de enfrentamento.

Apesar dessas mudanças, a profissão precisa ainda romper definitivamente com o conservadorismo, também presente nas formas de produzir conhecimentos na gerontologia, especialmente o positivismo que se preocupa em descrever o processo e não em explicar suas determinações mais profundas. Nas palavras de Teixeira (2017) ainda se faz necessário não apenas nessa temática do envelhecimento, mas também de outras expressões da questão social análises críticas:

Esse avanço não tem sido suficiente para gerar tradição na abordagem de inúmeras expressões da questão social, como o envelhecimento pobre, doentio, isolado, com acesso precário ou insuficiente às políticas públicas, que caracterizam o envelhecimento do trabalhador, de maneira a aborda-lo a partir do método histórico dialético e a gerar conhecimento na temática capazes de iluminar o trabalho profissional crítico e materializador do Projeto Ético-Político da profissão. (TEIXEIRA, 2017, p. 193)

As análises da literatura feitas por Teixeira (2018), Alves (2014) sobre a temática do envelhecimento mostram que a profissão tratava esse tema de um modo menos qualificado e superficial, e buscava responder as demandas da velhice de um modo homogêneo, tratando todos os casos da mesma maneira ou de forma semelhante. Constataram que os profissionais tratam e trabalham com essa temática de maneiras conservadora, além de dar pouca visibilidade às particularidades das ações profissionais e da forma de produzir conhecimento sobre o fenômeno.

Outra consequência de a pesquisa sobre o envelhecimento ser uma temática precoce no Serviço Social, é que os profissionais pesquisadores buscam conhecimentos em outras áreas que estudam o envelhecimento, como a Gerontologia Social, ainda marcada pelo modelo biomédico ou psicossocial. Apesar de ser uma área voltada para o social, não oferece uma análise da contribuição dos fatores macrossociais como determinantes do envelhecimento, em simbiose e interseção com o biológico e o psicológico, mantendo a subalternidade não apenas na prática profissional, mas na produção do conhecimento.

#### **4 PERSPECTIVA CRÍTICA NA ABORDAGEM GERONTOLÓGICA**

Dentre as áreas do conhecimento que fazem parte da gerontologia social, por pesquisarem ou intervirem na realidade do envelhecimento, destaca-se o Serviço Social. Mas, somente nos últimos anos, essa área vem ingressando as fileiras do pensamento crítico sobre o processo do envelhecimento.

A criticidade do Serviço Social se torna “legalizada” por assim dizer, a partir da construção do seu Projeto Ético Político, com seu código de ética, com o projeto de formação profissional e com a lei que regulamenta a profissão. As respostas do Serviço Social aos vários contextos presentes na sociedade capitalista e expressões da questão social em que são produzidas e reproduzidas, devem ser munidas, segundo Teixeira (2018) de um caráter crítico, apoiado pelo fator ético – político e teórico-metodológico.

Sabemos que o Serviço Social enquanto área de conhecimento é algo relativamente jovem, abrangendo em seu campo científico temáticas referentes ao seu campo de formação e atuação profissional. Contudo, muitas dessas temáticas necessitam de aprofundamento devido as interpretações que não superam a imediatividade dos fenômenos, a falta de criticidade e por vezes, até mesmo pouca ou a ausência de motivação do profissional em se aprofundar em determinados temas. A temática do envelhecimento é uma dessas abordadas recentemente pela profissão em que fica evidente a debilidade da produção científica.

A temática do envelhecimento nos últimos anos, tem sido alvo de numerosas, embora insuficientes, discussões, devido ao envelhecimento demográfico acelerado e os desafios que imprime à sociedade, daí a importância de estudá-la.

Por sua “jovialidade”, a temática do envelhecimento no âmbito investigativo científico do Serviço Social, muitas pesquisas e relatos de experiências publicados sobre o envelhecimento ou intervenção junto às pessoas idosas, utilizam como referencial teórico as abordagens do campo gerontológico tradicional. (TEIXEIRA, 2018). Nesse estudo da literatura do Serviço Social, Teixeira (2018) observou a predominância de referenciais biomédicos, do envelhecimento como fenômeno natural, parte de ciclo da vida, determinado biologicamente para a espécie humana. Logo, uma apreensão sem críticas e sem abordagens das determinações sociais (socioeconômicas e socioculturais) fundamentais para compreender a generalização da longevidade no contexto contemporâneo.

Alves (2014) também na revisão das teses e dissertações sobre envelhecimento no Serviço Social, observou fenômeno similar, a predominância de referenciais positivistas (funcionalistas e sistêmicos). Ou seja, a não difusão de análises críticas, marxistas, amplamente difundidas e adotadas pela profissão, não se mostrava predominante nas análises do envelhecimento.

Entretanto, as autoras apontam também o surgimento de um grupo de pesquisadoras sobre o envelhecimento no Serviço Social que vem publicando em conjunto e realizando estudos e pesquisa sobre o envelhecimento numa perspectiva crítica e atentas com o Projeto Ético-Político da Profissão, cujas contribuições estão ampliando um campo da gerontologia social, denominada de crítica.

Nessa perspectiva crítica, a dialética entre fatores biológicos, psicológicos e sociais são amplamente abordados, aprofundando em suas análises os determinantes macroestruturais (sociais e culturais) do envelhecimento humano. Assim, a forma como o indivíduo se insere no trabalho e suas condições de vida são fatores determinante para a projeção de seu envelhecimento, bem como a presença do Estado social e das políticas sociais públicas.

Na perspectiva da Gerontologia Social Crítica considera-se que a velhice, assim como toda a vida do trabalhador, é aviltada pelas condições concretas desfavoráveis à valorização do que é humano e a favor do desenvolvimento do capital. Os velhos fazem parte e estão inseridos na estrutura que sustenta o sistema de produção capitalista, tendo suas vidas afetadas pelo conjunto de medidas que priorizam a obtenção de lucro para empresas e indivíduos privados. (ALVES, 2014, p. 42).

O que Alves (2014) destaca é que a velhice do trabalhador assalariado de certa maneira, é afetada pela sua forma de viver, visto que, o grande capital procura em maior parte prezar pelo lucro, desprezando e segregando aqueles considerados desajustáveis ou inúteis para o lucro. Daí os estigmas, visões negativas, de improdutividade, inutilidade, de estorvo para família e sociedade. Essas imagens criadas socialmente não atingem os segmentos da classe dominante, nunca considerados velhos demais para se casarem, para tomada de decisões, para se dedicarem à política, à arte, dentre outras atividades humanas

## 5 CONCLUSÃO

O Serviço Social sempre teve processos interventivos juntos à parte da população idosa, especialmente, aqueles que necessitavam de maior assistência pelo acúmulo de vulnerabilidades. Mas, pouco produziu conhecimentos sobre os processos interventivos com esses grupos ou produziu conhecimento sobre o processo de envelhecimento.

O processo de reconceituação do Serviço Social marcou sua tentativa de ruptura com a tradição conservadora e criou e adotou massivamente um novo Projeto Ético-Político fincado em bases críticas na forma de intervir e produzir conhecimento. Entretanto, os estudos da literatura feita por autores da profissão apontaram ainda a presença de produções alimentadas pela referencial teórico da gerontologia social, predominantemente biomédico e psicossocial, que não rompem com o positivismo.

Um grupo de autores assistentes sociais, docentes, discentes e pesquisadores da área vem contribuindo para a difusão da gerontologia social crítica, que parte do paradigma da totalidade social. As contribuições apontam para o caráter heterogêneo do envelhecimento, para as desigualdades geradas ou agudizadas pela sociedade do capital que geram inúmeros problemas sociais que atravessam a trajetória da classe trabalhadora, com o qual esse estudo se filia e contribui.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Suéllen Bezerra. **Serviço Social e envelhecimento: estudo dos fundamentos teórico-político sobre velhice na produção de conhecimento do Serviço Social no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Pernambuco, RE: Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

BERNARDO, Maria Helena de Jesus. **Envelhecimento da classe trabalhadora, dependência e cuidados familiares: desafios para a proteção social no município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL, IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2016

BRASIL, Lei N° 10.741, de 1° de Outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília, DF: 2003.

TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento do trabalhador na sociedade capitalista. In: TEIXEIRA, Solange Maria (Org.). **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas, SP: Papel Social, 2017. p. 31-49.

TEIXEIRA, Solange Maria. Serviço Social e envelhecimento: perspectivas e tendências na abordagem da temática. In: COSTA, Joice Sousa (Org.). **Aproximações e ensaios sobre a velhice**. Franca, SP: UNESP-FCHS, 2018. p. 193-209.